

Lágrimas  
Sob a Luz  
De Uma  
Vela

O natal se aproximava, a cidade estava completamente enfeitada esperando pela grande data que se aproximava. As lojas se preparavam para o natural movimento de última hora, todas cheias de enfeites e brinquedos, tentando cativar pais e crianças. Corais estavam por todas as partes da cidade, entoando as mais diversas cantigas, pessoas de todas as idades brincavam e se divertiam com os singelos flocos de neve que deixavam toda a paisagem branca.

Ainda assim, nem todas as pessoas pareciam estar tomadas pelo espírito do natal. Havia, em um ponto da cidade, um homem já com seus trinta e tantos anos que caminha rapidamente de cabeça baixa e um semblante emburrado.

Entrou numa loja para comprar uma coisa qualquer, sem notar o papai Noel que cumprimentava todos que passavam.

– Um feliz natal para o senhor e que Deus o abençoe. – Falou o simpático Noel quando o homem deixou a loja.

– Hmph... natal... – Murmurou o homem deixando a loja.

Seu nome, Bartolomeu, talvez a única pessoa na cidade que não estava animada com a chegada do natal. Logo que deixou a loja se deparou com uma menina, que

tinha no máximo sete anos e carregava uma pequena caixa com fósforos e velas comemorativas.

– Poderia comprar algo, senhor? – Indagou ela com olhar suplicante. – É para eu comer.

Bartolomeu pensou em ignorar a presença dela, mas afinal que culpa poderia ter uma criança nesse mundo, assim, mesmo contrariado, comprou a vela mais simples que a menina tinha e retomou sua caminhada, sem nem ouvir o agradecimento dela.

Guardou a vela no bolso de seu sobre tudo e seguiu seu caminho até sua casa, revirou a correspondência, jogando metade dela no lixeiro, afinal, cartões de natal e todas essas mensagens não diziam muita coisa para ele.

Foi até a sua poltrona, onde examinou as cartas que julgou importantes, outra perda de tempo, a maioria contas e anúncios, jogou-as na mesinha a sua frente e ligou a TV, pulando os canais enquanto enchia um copo com um wiskie barato qualquer. Não demorou muito para passar por todos os canais, duas vezes, convencendo-se que não conseguiria nenhum programa que não fosse um filme de natal, um especial que se repetia todo ano ou qualquer outra coisa do gênero que não lhe despertava o menor interesse, por fim desistiu e jogou o controle na mesinha ao lado da poltrona.

– Natal – Pensava ele balançando o copo, entretido com o líquido que ia e vinha no invólucro de vidro. – Nem ao menos acreditam no que ele representa, pior, nem sabem o que ele representa, pior ainda, por que sou obrigado a festejar algo do qual não compartilho a crença? Tudo uma grande besteira comercial para tirar dinheiro dos tolos que comprarão coisas sem saber o por que fazem. – Pausou seus pensamentos para dar um gole na bebida. – Ah Eva... por que teve de ir e me deixar sozinho nessa terra de loucos patéticos? – Disse ele para si antes de tomar o restante da bebida.

Ficou pensativo por mais alguns instantes antes de se levantar e ir tomar banho, seguindo para a cama após a rápida ducha.

Despertou pela manhã ao som de um coro de vozes que cantavam uma singela cantiga natalina, porém Bartolomeu apenas abriu a janela do quarto para mandar pararem com aquilo sem nem ao menos ter ouvido o que cantavam, em seus ouvidos soava apenas como um estridente ruído. Enquanto os cantores se retiravam meio indignados com o mau humor de Bartolomeu, este já havia fechado a janela de seu quarto e estava indo para a cozinha tomar seu café da manhã. Comeu o usual, torradas com manteiga, acompanhado de uma xícara de café fresco recém tirado da cafeteira, como gostava.

O café fez seu humor melhorar, embora isso significasse apenas que havia esquecido o aborrecimento com o coral. Tendo terminado sua refeição, foi ao quarto, trocou de roupa, pegou o sobretudo que estava no cabideiro próximo a porta e saiu para cumprir sua rotina diária. Fazia questão de trabalhar ainda mais nessa época, talvez tentando fazer com que os dias passassem mais rapidamente, se sentia alguma forma bastante incomodado na semana do natal.

Foi para o escritório e mergulhou em seu trabalho, estava tão centrado em seus relatórios e troca de e-mails que nem notou que a neve que caía fora do prédio começava a se intensificar. Quando finalmente terminou todas as suas atividades, desligou o computador, baixou a chave geral do setor e foi para a saída, não se surpreendendo ao perceber que era o último a deixar o local após o cair da noite. Ao se aproximar da saída, cumprimentou o vigia discretamente com a cabeça e pensou em sair, mas ao ver a neve que caía, preferiu aguardar mais alguns minutos.

– Hoje será uma noite difícil. – Iniciou o vigia se aproximando de Bartolomeu.

– Nem me fale, sorte eu ter conseguido consertar meu aquecedor a tempo para essa neve toda.

– Deus tenha piedade de quem não tem essa opção.

- Hmph... deus... – Pensou Bartolomeu
- Mas de toda forma, amanhã é véspera de natal e tudo sempre acaba bem nesses dias, certo?
- Natal... sei.
- Onde está seu espírito natalino?
- Devo ter esquecido ele na gaveta, junto com minha foto do pé grande. – Ironizou ele.
- Ora vamos, olhe para toda cidade, estão todos alegres, cantando, devia se deixar contagiar por essa alegria.
- Bah... desculpe amigo, mas honestamente acho tudo isso uma bobagem comercial para arrancar dinheiro do povo.
- Penso não acreditar em Deus então.
- Deus? Eu acreditei nele... há muito tempo atrás, quando ainda era cego e me deixava levar por tudo isso... não Erick, não acredito em Deus.
- Não diga isso senhor, tenho certeza que ele ainda tem muita coisa para o senhor.
- Pois ele que fique com todas elas, até por que eu sei que ele vai me tirar tudo que me der, se for assim, melhor que nem de... bom... de toda forma, vou aproveitar que a neve diminuiu e vou correr para casa, tenha uma boa noite Erick.

– O senhor também... e FELIZ NATAL PARA O SENHOR! – Gritou o vigia enquanto Bartolomeu apenas fez um aceno com a mão.

Seguiu o mais rápido possível para casa, praticamente tendo que se segurar nas cercas e postes, devido ao forte vento que começou a soprar. Logo que entrou, tratou de aumentar o nível de seu aquecedor, não perdeu tempo com a correspondência, tão pouco com a TV, sabia o que estaria passando em todos os canais, preferiu tomar sua dose costumeira e seguiu direto para cama.

Despertou com mau humor maior que o normal, talvez mau humor não fosse exatamente a expressão a usar, mas de toda forma estava desanimado, tomado de um sentimento que nem ele mesmo compreendia bem.

Foi até a cozinha e apenas tomou seu café, não tinha fome, tomou umas quatro xícaras, parecia querer usar o café para melhorar um pouco seu sentimento, não funcionou.

Sabendo que aquela sensação o consumiria se ficasse por ali, decidiu sair para caminhar, mesmo sabendo que, por ser véspera de natal, as ruas estariam tomadas de gente, cantando, fazendo anjos de neve, contando histórias e todo tipo de coisas que, para ele, era uma total perda de tempo.

De toda forma, deixou sua casa, passando pela praça, depois pelo parque, por fim decidiu voltar pelo bairro mais pobre. Não tinha nada contra a vizinhança e era o caminho mais rápido, pensava ele, em seu íntimo torcia para que ninguém viesse perturba-lo pedindo doações ou qualquer coisa do tipo.

Enquanto caminhava por uma das ruas, uma forte nevasca se iniciou, pensou em tentar chegar em casa, mas logo viu que precisaria de abrigo e conseguiu chegar a uma casa que parecia abandonada. Entrou, fechou a porta e as janelas enquanto observava, pelas frestas das venezianas, que a nevasca aumentava cada vez mais.

– Ah... que ótimo. – Falou ele para si, se afastando da janela e indo até um velho sofá que estava por ali. – Não me falta mais nada agora...

– Er... e... quem é você? – Perguntou uma menina com a voz tímida surgindo por uma das portas do local.

– Correção... AGORA não falta mais nada. – Pensou ele.

– Ainda não me disse, quem é o senhor? – Insistiu ela surgindo ao lado do sofá, carregando uma espécie de candelabro improvisado com uma singela vela.

– Olha, estou aqui apenas esperando a nevasca passar.

– E vai ficar muito tempo?